

Simone Biles é novamente a medalhista de ouro olímpica no individual ginástica artística após vencer uma das finais mais dramáticas desses Jogos Olímpicos de Paris.

Biles resistiu ao desafio animado da brilhante brasileira Rebeca Andrade, que novamente conquistou a prata e a colega de time dos EUA Suni Lee ficou com o bronze.

Aqui estão quatro pontos a serem retirados da final individual de ginástica artística de ontem à noite.

## Biles tropeça nas barras e depois mostra por que ela é a GOAT

Por um breve momento, parecia que Biles estava sérios problemas.

Um tropeço nas barras desiguais a fez cair para o terceiro lugar na metade da final, enquanto Andrade, medalhista de prata Tóquio há três anos, parecia estar pronta para aproveitar o momento.

"Isso não é o que eu treinei nas barras", disse Biles posteriormente. "Das quatro provas, eu acho que as barras são a única que eu não me enganei uma vez inteira, aqui ou de volta a Houston."

Esses Jogos foram todos sobre Biles. Ela é o sol resplandecente ao redor do qual essas competições de ginástica têm girado. As dúvidas sobre se ela poderia voltar de sua experiência surpreendente com os 'twisties' Tóquio foram respondidas na terça-feira. Uma nova pergunta estava sendo feita: a brasileira Andrade simplesmente seria melhor esta noite?

Na próxima rotação, Biles pulou na trave de equilíbrio e serviu enfaticamente uma resposta: não. Antes de ir à trave, Biles disse que estava "apenas se reabastecendo e me certificando de que, assim que chegarmos à trave, uma vez que eu sou a primeira, posso me reabastecer e terminar o resto da competição, porque não está acabado até que esteja acabado."

Mesmo com alguns tremores tentando se equilibrar, Biles marcou a maior pontuação na trave de equilíbrio da noite com um 14.566 e retomou a liderança antes da última prova, o exercício de solo. Quando Andrade apresentou um exercício de solo com um grau de dificuldade relativamente menor (pelos padrões de Biles, de qualquer forma) e não conseguiu impressionar os juízes com sua execução, foi novamente a superestrela americana sozinha no solo com uma chance de ouro.

Uma pontuação massiva de 15.066, a maior do dia, selou o ouro. Foi um exercício de ressalva digno do maior de todos os tempos.

Ainda assim, Biles disse posteriormente que Andrade a incomodou.

"Eu não quero competir com Rebeca mais. Estou cansado", disse Biles. "Ela está muito perto. Eu nunca tive um atleta tão perto, então definitivamente me colocou nos meus pés e trouxe a melhor atleta mim, então estou animado e orgulhoso de competir com ela, mas ... foi desconfortável, caras. Eu estava nervoso."

## Andrade traz o desafio para Biles

Andrade ainda foi um desafiante digno.

Sua arte e ritmo foram infectantes e, até sua penalidade no exercício de solo, ela apresentou uma performance sólida e bem redonda.

Ela fez história terminando segundo neste evento há três anos, tornando-se a primeira sul-americana a ganhar uma medalha no evento individual geral. Ela teve um grande grupo de fãs viajantes seu canto na noite de ontem, cantando seu nome nos momentos dramáticos finais da competição.

Seu leotardo amarelo brilhante combinava com a energia de seus fãs e, por muito tempo, parecia que ela poderia ser a única ginasta do planeta capaz de corresponder a Biles. Foi apenas no exercício de solo que a deixou abaixo.

Andrade e Biles se enfrentarão novamente nas finais do salto mais tarde na semana. No Campeonato Mundial do ano passado, Andrade conquistou o ouro no salto, enquanto Biles conquistou a prata. Foi a primeira vez que alguém conseguiu derrotar Biles no salto desde 2024.

A competição está marcada para o sábado – e o que temos por diante é um prazer.

A medalhista de ouro defensora foi amplamente segundo plano nos dois primeiros giros da final enquanto Biles e Andrade atraíam a maior parte da atenção.

Mas Lee fez o suficiente nos primeiros três quartos da noite para se manter contato. E quando ela entrou no solo na terceira performance do último quarto da competição, ela aproveitou o momento com maestria.

Depois de completar sua primeira combinação, Lee estava rindo. Claramente se sentindo o amor da multidão e ganhando impulso, ela entregou uma performance fantástica que a catapultou de um empate quarto para um lugar garantido no pódio. Tensão havia se apoderado do Bercy Arena aqui Paris por boa parte da última hora da competição e a performance medalha-clínica de Lee trouxe um estouro de ruídos dos fãs americanos que se sentia como energia nervosa sendo liberada.

Lee e Biles correram torno do solo com uma bandeira americana depois que a última selou seu ouro. Os vencedores das últimas três medalhas de ouro individuais de ginástica artística tomaram a oportunidade para mergulhar no momento e saborear os aplausos.

Depois de sua longa jornada de volta de uma infecção renal e outras lesões que a mantiveram fora da competição por meses, foi um momento para Lee ser apreciado.

"Eu realmente não achei que eu chegaria ao pódio, então é apenas como loucura que eu estava aqui e fiz tudo o que pude", disse Lee.

"Eu fui lá e disse a mim mesmo que não colocasse pressão sobre mim porque não queria pensar Olimpíadas passadas ou tentar provar a qualquer um nada. Porque queria provar a mim mesmo que podia fazê-lo porque eu acho que podia, mas isso exigiu muito."

A atmosfera dentro do ginásio não poderia ter sido mais diferente da final da equipe na terça-feira. Na rotação final da competição da equipe, estava claro que a equipe dos EUA estava se afastando com o ouro. A atmosfera então era festiva, enquanto os fãs americanos, italianos e brasileiros celebravam realizações históricas.

Na quinta-feira, era quase sinistra a quietude da arena alguns momentos.

Não havia quase nenhuma conversa quando a música do exercício de solo morria e parecia que o peso do momento estava caindo sobre as dezenas de milhares nos assentos, bem como sobre os próprios atletas.

A forma como a última rotação se desenrolou foi quase perfeita – Kaylia Nemour da Argélia, Lee, Andrade e Biles encerraram a rotação, cada uma competindo por um lugar no pódio. A italiana Alice D'Amato assistia ao lado do aparelho, esperando que tivesse feito o suficiente para obter uma medalha.

A pressão era enorme. O ar dentro da arena podia ser cortado com uma faca. Foi incrível.

E no final, foram os dois melhores atletas de seu esporte brigando para serem chamados de melhor do mundo. Foi tudo o que os Jogos Olímpicos deveriam ser.

## **Moon Unit Zappa: Uma Memória Família Extraordinária**

O famoso verso de Philip Larkin que as pessoas alcançam sempre que desejam expressar o quanto os pais podem ser prejudiciais para com seus filhos atinge algum tipo de zênite aqui no memorável livro de memórias familiares de Moon Unit Zappa. Este é um livro que frequentemente tira o fôlego dos pulmões e deixa o leitor com a convicção de que a complicada família de Zappa deve ter sido uma das mais disfuncionais da América.

Embora poucos de nós saibamos muito pouco sobre Frank Zappa, parecemos saber as bases: estrela de rock avant-garde dos anos 60/70, frequentemente saudada como visionária e gênio; cabelo, nariz, bigode. Em *Terra para Lua*, o Zappa real é uma figura espectral cujo alcance de atenção se estende apenas aos próprios caprichos, enquanto sua esposa, Gail, é obrigada a lidar com tudo o mais. Juntos, Zappa e Gail teriam quatro filhos: Moon Unit, Dweezil, Ahmet e Diva. Seu filho mais velho recebeu o nome do meio Unit porque Zappa acreditava que sua chegada uniria todos para sempre. Não foi bem assim. Zappa era uma estrela de rock, após tudo, e tinha uma reputação a manter. Havia arte a ser criada, e muitas mulheres com quem dormir. Brevemente, havia uma que morava casa, no porão.

Moon percebeu rapidamente que sua era uma criação atípica que ela podia se conectar apenas de forma remota e sarcástica. "Crescendo, eu era exatamente como você", ela escreve. "Eu tinha um pai rock star, dois camelos invisíveis para brincar e sonhava com meu futuro seguindo os passos de Frank, ajudando as pessoas e fazendo-as rir, só que eu estaria vestida como uma freira."

À medida que a criatividade xingava contra a doméstica, seu pai, "um pagão absurdo", estava quase sempre ausente. Quando ele estava em casa, Moon fazia o que podia para chamar sua atenção. Quando ele riu de sua imitação do falar de adolescentes californianos dos anos 80, ele a levou ao estúdio para gravar *Valley Girl*, uma música novidade que o surpreendeu ao se tornar, 1982, seu único hit global, e por fazer sua filha, com 14 anos, uma estrela. Isso incomodou. Desde então, ela se tornou atriz, se misturando com Molly Ringwald e Tom Cruise, mas raramente se sentia confortável sua pele. "Todo mundo diz que eu pareço exatamente com o pai. Meu pai sempre diz que é feio. Suponho que isso significa que eu sou feia, também." Ela desistiu da atuação e se refugiou ashrams vez disso, retornando casa "vestindo um Bindi, sorrindo vazio e cheirando cabelo úmido e axila peluda".

Quanto mais errante o comportamento de Frank, mais zangada sua mãe ficava. Ela desferia sua raiva Moon, que permaneceu devotada a ele, não importa o que. Mais tarde na vida, quando ele estava doente com câncer, ela escreve: "Eu trocaria minha vida pela dela."

Gail foi desconfortada com a adoração. Sua filha a incomodava. O título do livro é uma referência a como sua mãe a zombava por sonhar acordada, e as relações não melhoraram quando Moon cresceu. Mais tarde, Gail executaria a vontade de seu marido de uma maneira que dividiria os filhos até hoje.

## **Uma Saga Desanimadora, Mas Inconscientemente Entretenida**

Por mais desanimadora que seja essa saga, *Terra para Lua* é de alguma forma uma leitura incrivelmente divertida. Isso é grande parte devido à prosa. Moon, que publicou um romance (*América, a Bela*) 2001, é uma escritora sublime que mergulha sua caneta no tinta de Nora Ephron. Ela é engraçada, picuinha e arquivada, e mantém o recado de... bem, uma memoirista, convocando conversas detalhadas que teve com uma vidente aos cinco anos e executivos de TV burros aos 15.

Na idade adulta, ela teve milhares de horas de terapia perseguição elusiva da calma ("fazer as pazes com o que machuca e se mover direção à alegria", ela implora um ponto), e emerge dessa bagunça como gentil, razoável e notavelmente cuerda. Isso é testado, no entanto, quando Gail diz que "precisamos vender sua casa. Você nos custou R\$200.000 para ser criada, e temos que pagar pelo tratamento do câncer de seu pai." Depois que ele morre, a reação de Gail é "alegria discreta". Anos depois, quando a filha de Moon passa por uma emergência médica e Moon

convoca sua mãe para o hospital para apoio, Gail está muito ocupada uma festa de aniversário. Se Moon mesma vem através como a vítima inocente nessa história, então o leitor permanece plenamente ciente de que cada um de seus irmãos provavelmente teria *muito* contos diferentes. Mas então, por que ela, aos 56, não deveria contar *sua* história, *sua* forma? Essa é uma história de sobrevivência, afinal, e tendo morado na sua sombra por tanto tempo, ela emerge para reivindicar sua própria narrativa ao fim. E que uma narrativa é essa.

---

**Informações do documento:**

Autor: jandlglass.org

Assunto: nova bet

Palavras-chave: **nova bet - jandlglass.org**

Data de lançamento de: 2024-12-02